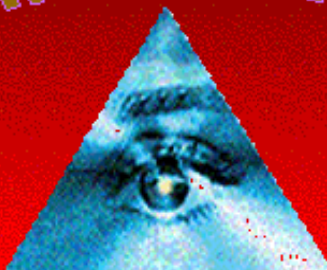


The Summum Bonum Organization



NOVUS ORDO SECLORUM



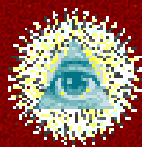
The Khem's Illuminated



Grand Temple of Maat

Alta Iniciação

(Exposição sobre a Iniciação real)



Emblema Sagrado dos Illuminati Summum Bonum
pelo S+B Illuminatus Frater Velado (*)
Irmão Leigo da Ordem Rosacruz
Iniciado do 7º Grau do Faraó



“Pensa, Cria, Colhe”

Também disponível: [Adobe Acrobat \(268K\) Edição Simplificada](#)

Source (html): <http://svmmvmbonvm.org/altinic.htm>

Ilustração: Flash "Sanctum Celestial" de autoria do
Frater Velado. Visite [Digital-Matrix R+C](#)

“A Vida é Eterna. As criaturas são transitórias”.

Mestre Apis

Hierofante da Ordo Svmmvm Bonvm

E

STA É A PUBLICAÇÃO completa do ensaio "Alta Iniciação" que foi disponibilizado na Internet de forma simplificada, com peso de apenas 268K, em formato .pdf, pela Organização Svmmvm Bonvm. Na publicação que aqui se apresenta o tema é tratado de forma mais ampla e chamo a atenção do leitor para o Flash-Quadro acima, no qual procurei simbolizar a transformação do ser humano no Cristo, como etapa magna da sua trajetória evolutiva na ampliação da consciência, essa magnificente irradiação do Grande Sol Central, uma das manifestações da Força, a quem as criaturas humanas chamam de Deus e simbolizam por uma criação mental à qual são apostos atributos humanos, tais como senso de justiça e noções de bem e mal, certo e errado e outras tantas condições vigentes na Dualidade. Situando-se acima das Polaridades, o Cristo é o Grande Iniciado e ao mesmo tempo o Grande Iniciador, aquele que promana o Logos Solar Iniciático, infundindo nos buscadores o sentimento a um só tempo muito sutil e extremamente poderoso de busca ao Cresto. É através desse processo que a Evolução se manifesta, como Lei Cósmica - e, portanto, entidade viva - e como caminhada para todos os seres através da voltas da Spira Legis. Desde que o primata humano assumiu-se como criatura autoconsciente foi iniciada a longa e penosa escalada, repleta de provas, algumas simplesmente terríveis, no rumo do Cristo. Para lá chegar tem o buscador que sofrer sucessivas metamorfoses, passando pelas condições de Iluminado, Adepto e Hierofante, nesta ordem. Já na condição de Cristo ele automaticamente se torna uno com o Logos e adquire poderes de Avatar. Isso significa que poderá descer a uma esfera celestial de matéria densa, como um planeta igual a Terra, por exemplo, para ali trabalhar na Grande Obra Universal com autoridade que lhe é conferida diretamente pelo Santo Espírito. Na Terra, pode-se citar como exemplo de seres em tal condição Spitman Zaratustra, Buda e o Cristo Jesus. O Avatar, prolatador de ensinamentos perenes que podem resultar (e quase sempre resultam) na fundação de um sistema místico para aglutinação e encaminhamento em massa dos seres, é produto da Alta Iniciação. Muitas vezes a obra do Avatar engendra, por seus discípulos, uma religião, que depois produzirá, por uma questão de dialética, organizações místicas não religiosas, as quais passam a se dedicar ao ensino esotérico conjugado com iniciações. Nesse esquema existem iniciações menores, Iniciações Maiores e a Alta Iniciação, que pode, inclusive, preceder a chamada Grande Iniciação, que é a morte do corpo físico para que o summum bonum extraído das manifestações do Eu possa se consubstanciar em alma individual, habitáculo do Cristo, una com o Logos, vivendo na Eternidade, face ao Grande Sol Central. Neste ensaio, destinado aos ocidentais, será mostrada a ligação entre a religião Cristã e o Rosacruzianismo, como decorrência natural, segundo foi explicado linhas acima. Trata-se de uma purgação alquímica, pela qual a obra do Avatar não apenas se renova, mas na realidade se consubstancia notavelmente e cresce, produzindo os Altos Iniciados, que virão a ser seus pares.

**Iluminação Mística e
Iniciação Esotérica**

Muito se fala em Luz e em Iluminação espirituais nos dias de hoje, em que a Internet facilita as comunicações, gerando troca de informações em volume sequer sonhado pelos místicos da antiguidade. Muitos se apresentam como Iluminados e outros colocam mensagens em listas de discussão sempre precedidas de "Saudações da Luz" ou algo parecido. Outros tantos pretendem estudar, de forma teórica, a natureza da Luz, a fim de se apresentarem como detentores de conhecimento superior, mas muito poucos se preocupam com a verdadeira natureza da Luz, com seu real significado e com sua utilização no Plano Terra, que é onde vivem todos os que discutem esse tema. Na Eternidade a Luz não é "estudada" ou discutida, é vivenciada em sua plenitude e é precisamente nisto que se resume o regosijo dos entes que ascenderam a tal plano.



CLIQUE NA IMAGEM PARA VER O QUADRO NA GALERIA

"Diante da Grande Luz Iniciática" (Quadro do Frater Velado)

(O quadro acima, intitulado "Diante da Grande Luz Iniciática", foi pintado pelo autor deste texto sobre uma Iniciação para a compreensão da verdadeira natureza e finalidade do sofrimento, que é conferida a eremitas pelo Santo Espírito. (Clique no quadro para ver o original, com explicação em inglês). A Luz não é uma propriedade ou emanção de uma fonte, mas um Estado perene, incriado e perfeito, que só pode ser compreendido em sua totalidade por Iniciados da Grande Fraternidade Branca. Não há varios tipos de Luz mas diversas interpretações da mesma e única Luz segundo o nível de compreensão dos seres e de acordo com os Planos nos quais estão transitoriamente manifestados (e mesmo nos Planos Eternos o que há é também uma interpretação da Luz Absoluta). A Luz é preexistente ao Ser, que unicamente a manifesta, reverberando-a pelas Esferas criadas pelo Logos. A Iluminação não é um estado permanente, que tenha vindo de súbito, como um golpe de abertura dos portais que dão para o Sol Crístico Eterno. Não é algo que possa ser conferido por uma Iniciação tornando-se daí em diante substrato permanente, condição cristalizada e excelsa. A Iluminação é um processo participativo e interativo entre o Iluminado e a Luz, que apresenta uma ampla gama de intensidade, deve ser demonstrado com produção de obras concretas para poder realmente existir, e que pode ser suprimido a qualquer momento, em uma fração de segundo. É assim que os santos caem e tornam a se levantar, haurindo dessas quedas e soerguições a seiva da evolução, a qual alimenta a lamparina da Luz interior. Iluminado é aquele que difunde para o mundo exterior a Luz recebida em seu universo íntimo mais secreto e resguardado, socializando o aspecto sagrado do seu ser, distribuindo-o como eucaristia. Essa difusão gera nos atingidos harmonia e bem estar, paz profunda e desejo de evoluir espiritualmente através de um real interesse pelo bem estar do próximo, seja esse próximo um ser humano, um bicho, uma planta, uma pedra. Assim, alguém pode receber a Iluminação hoje e perdê-la amanhã. A Luz não escolhe seres para iluminar, ela incide sobre todos; alguns a recebem, compreendem o significado do recebimento e a difundem; outros recebem a Iluminação mas a perdem logo em seguida ou dentro de certo período de tempo. A Iluminação recebida por um ser pode ser destruída por e sse próprio ser, através da vaidade, da indiferença, da ambição e da distorção de objetivos em função do egoísmo.

De uma forma geral pode-se dizer que nenhum burocrata do esoterismo, nenhum teórico do misticismo torna-se um Iluminado de verdade. Poderá acumular conhecimentos e armazená-los no cérebro, tal como um computador retém informações em sua memória. Poderá fazer palestras em auditórios ou demonstrações de retórica em chats, poderá debater temas em listas de Internet, mas é só e apenas isso. É mais fácil que um simples gari ou capinador da roça receba a Iluminação e a compreenda e difunda, efetivando-a - mesmo que ela venha através do extase religioso - do que um desses teóricos passar a Iluminado por seus estudos acadêmicos sobre matéria tão subjetiva como esoterismo. O Iluminado de verdade produz coisas boas para todos os seres, como um algoritmo mágico que abre as portas da compreensão dentro de um software que está sendo desenvolvido; ele opera a cura onde há a doença, leva a alegria onde havia a tristeza, transmite a esperança aos desencantados, mostra a aurora dourada do amanhecer místico aos que só estavam enxergando a escuridão da noite negra da alma. O Iluminado apresenta o Absoluto em versões permanentemente renovadas, de acordo com as necessidades de consolo criadas por cada momento.

A Luz, como já se disse, não é uma irradiação, é um Estado do Ser. Como os seres manifestados na matéria são evolutivos e corruptíveis, o autêntico Iluminado é aquele que

tendo recebido a Iluminação e tendo compreendido essa Iniciação se esforça por mantê-la permanentemente dentro de si, escapando à entropia. Isso só pode ser conseguido através do serviço altruísta e desinteressado, tal como é preconizado pelas Ordens e Fraternidades da Rosa+Cruz Verdadeira, Eterna e Invisível, manifestadas neste plano terreno de provações e realizações que as transformam (as provações) em degraus da Escada da Evolução. Essa Escada tem infinitos degraus e por ela o Iluminado caminha permanentemente, pois é com essa peregrinação pela senda ascendente que a Iluminação se mantém. Para subir essa Escada é preciso descer e ir ao encontro das dificuldades e dos infortúnios, a fim de transmutá-los em benesses para o próximo. Nenhum Iluminado pensa em função de si próprio, pois ao se tornar Iluminado perdeu a identidade pessoal e tornou-se a própria Luz. Isso pode durar momentos ou uma vida inteira. É quando a Rosa desabrocha na Cruz, tornando-se Luz e deixando de ser Rosa. Quem olhar melhor verá que, então, através dessa transcendental alquimia, a Cruz tornou-se quatro raios de Luz vindos de um Sol Eterno, Imutável, Incrariado - um Sol que surgiu onde antes estava a Rosa crucificada na Vida Material.

Que todos se esforcem não apenas para alcançar a Iluminação, mas para conseguir mantê-la. Ela está ao alcance de todos. Os seres humanos e planetários podem evoluir como um todo através deste processo, na imensurável vastidão dos universos em permanente transformação. A esse processo de difusão da Luz pela interação dá-se o nome de A Grande Obra.

Iniciação é uma das palavras mais usadas e um dos temas mais avocados, embora quase sempre em passant, nos debates que esoteristas do mundo todo travam em comunidades virtuais. As facilidades de contato e de troca de idéias propiciadas pela Internet vulgarizaram conversações que até antes da Web se restringiam às Lojas físicas de Ordens e Fraternidades tradicionais que se dedicam à ritualística iniciática como parte do seu sistema de ensino destinado a preparar pessoas para a ascensão à Maestria. Esta, teoricamente é um estado natural que o Eu interior do estudante sincero aspira automaticamente como meta para se externar trabalhando no serviço da Grande Obra, a seara mística voltada para a difusão da Luz. Diofundir a Luz significa esclarecer as mentes das pessoas para que, de posse dos esclarecimentos e chegando às suas próprias conclusões sobre eles, tenha condição de experimentar expansão da consciência, adquirindo maior capacidade de compreensão, maior poder de avaliação e até mesmo o ambicionado Domínio da Vida. A iluminação das consciências seria, assim, a grande meta a ser alcançada pelos que passam por Iniciações conscientemente, com a plena compreensão mística do que está acontecendo naquele momento sublime em que entregam suas almas a um Iniciador. Este, além de oficial ritualístico credenciado e devidamente preparado por uma Organização competente, séria e altruísta, deverá na cerimônia fazer a assunção de um Mestre Cósmico - provavelmente o que ele mesmo tenha produzido para si no recôndito do seu sanctum privado. Contudo, quantos dentre os iniciados que se submeteram a essa cerimônia sagrada terão sido realmente iniciados nos Mistérios Maiores, que compreendem a remoção momentânea do véu que encobre os Santuários do Eu, nos quais o Ser não está voltado para o egoísmo mas, sim, precisamente para o contrário de toda egolatria? Talvez poucos, muito poucos, pois a própria Iniciação é em si mesma seletiva e filtra os que não estão harmonizados com a Mente Cósmica, ou seja, com o totum da Consciência do Ser. Este, em seu eterno movimento e progresso cria a necessidade da Iniciação, em todos os níveis da Manifestação da Vida, que os profanos, incluindo-se aí os profanos religiosos, chamam de a Criação, ou a Obra de Deus. Contudo, muitos passam pelo crivo da Mente Cósmica e conseguem galgar degraus na escada mística da evolução da consciência. No acesso a tais patamares da compreensão é que se situa

a Alta Iniciação, ou seja, a Iniciação verdadeira, aquela que não é apenas uma cerimônia ritualística, mas peça viva do drama cósmico, no qual o Iniciado realmente evolui como criatura autoconsciente, capaz de assumir a Consciência Cósmica como seu manifestante ativo - e não mais passivo - podendo interagir com os Mestres Cósmicos e com as Leis Cósmicas, que são entidades viventes e dotadas não só de autoconsciência mas de um nível muito avançado e indescritível por palavras de compreensão dos eventos cósmicos e de toda a cosmogonia.

Devo dizer que o que aqui se expõe é matéria repensada de temas já tratados em meu livro "O Eremita", no qual externo conclusões oriundas da experiência pessoal como anacoreta, ao longo de oito anos, durante os quais, totalmente apartado do mundo físico, trabalhei orei e estudei, procurando um encontro com o Absoluto, que me capacitasse a ser um operário digno e proficiente na Senda da Grande Obra. Na condição de estudante do Rosacrucianismo procurei conjugar a Metafísica R+C com a disciplina monástica preconizada pela Igreja Católica Apostólica Romana para seu Círculo Interno, tal como se dispõe para a Ordem de São Bento, à qual não pude me filiar como cenobita pelo fato de ser estudante de Rosacrucianismo, já então Membro Vitalício da AMORC, estudando nos Planos (Graus Superiores do Sistema Antigo de Ensino, concebido pelo Mestre Alden e implementado pelo Mestre Validivar. Creio que esse relato possa ser útil para os estudantes sinceros de Misticismo e de Ocultismo, mesmo que estribado em conceitos que venham a ser rotulados de cristãos, porque entendo que o rótulo religioso é apenas um pilar no qual um princípio universal se assenta, para servir de base a conclusões próprias que podem ser tiradas por quem decida meditar sobre a matéria. Vindo Catolicismo como religião-raiz, da minha família, e tendo sido ordenado Exorcista, na qualidade de Irmão Leigo, aos 19 anos de idade, pelo eremita Dominicano Frei Rosáerio Joffily, de quem fui discípulo na Serra da Piedade, em Minas Gerais, passei depois por outras experiências religiosas, às quais fui atraído por questões de karma, tendo sido ordenado também, posteriormente, Sacerdote da Antiga Religião Yoruba (Ritual Ketu). A Religião Cristã e a Religião Africana são ligadas por algo em comum, o sacrifício votivo de sangue: em uma, o Salvador é imolado na cruz, depois de vilipendiado e torturado, na outra um animal inocente é sacrificado a uma Divindade, sendo o seu corpo devorado em um repasto comunal sagrado. Apesar de terríveis, ambas as situações expressam claramente que este Universo em que a Terra gira é baseado no Princípio da Devoração, pelo qual uns seres comem os outros para se manter existindo, física e espiritualmente (metafisicamente falando).



**Faraó Akhenaton sacrifica um pato ao Disco Solar
(Peça arqueológica da 18ª Dinastia de Kemet)**

Dogma do Sacrifício Ritualístico (ou Dogma do Sacrifício Iniciático)

Desde a mais remota antiguidade o homem realiza sacrifícios como forma de catarse ou para agradar os deuses. São conhecidos o bloco no qual Akhenaton é retratado sacrificando um pato ao Disco Solar; as passagens bíblicas e islâmicas, respectivamente, como Abraão com a faca suspensa sobre a vida do próprio filho, Isaac, ou como Ibrahim, o Pai de todos os profetas (Deus intervém a tempo de sustar a consumação do homicídio).

A pergunta é: O que levaria o homem a supor que matando um ser ou se privando de algo alcançaria as benesses sonhadas que o conduziriam num tapete mágico ao extase supremo da paz mental através da exaustão das realizações no mundo material, que lhe seria propiciada pela Divindade alvo do ofertório? Sim, o que levaria o homem a tal suposição se a própria Divindade a ser bajulada intervém e impede que o absurdo se consume, segundo a história (ou o mito)? Pelo visto o homem primeiro cria a Divindade à sua imagem humana e lhe empresta seu ego; a seguir infere que a Divindade é assim/assado, gosta disso/daquilo e tem de ser agradada desse ou daquele modo; então a própria Divindade vem e diz: "Não, pára com isso, não é nada disso!" e chama o homem à razão. Tudo isso pode levar a se pensar que por trás da criação mental do homem haja algo no controle e esse algo dá corda até certo ponto. É aí justamente que termina o livre-arbítrio e a interferência divina dá a decisão final. No fim das contas tudo não passava de um teste. É dentro desse contexto surrealista (?) que o dogma do sacrifício tem de ser mastigado, engolido, digerido e vomitado. Nessa regurgitação algo sobra: a certeza interior de que há um caminho para cima, para um Plano Superior, mas que essa senda está envolta em densa neblina e é noite escura, sempre.

Mas nem tudo são trevas espessas: lá no Alto simbólico a Luz brilha. Tudo o que se tem de fazer é olhar para esse farol místico e meditar, propondo-se a questão a si próprio, como se o eu não existisse, como se fosse apenas um reflexo fantasmagórico em um espelho sujo do sangue dos inocentes. O sangue derramado ritualisticamente, iniciaticamente, pelo sacrifício, em nome de várias propostas: agradar os Deuses, fazer a vontade de Deus, purificar, purgar os

males na totalidade pela concentração da destruição em uma vítima específica, seja ela uma como Jesus ou coletiva como os que estavam no World Trade Center.

A Igreja conseguiu a proeza de tornar o sacrifício ritualístico aceitável perante a moral das massas: tudo se resume em comer uma hóstia e beber vinho. A transubstanciação, pela consagração, repete não apenas a Santa Ceia, mas recria repetidamente a imolação do Cordeiro de Deus para que seu sangue simbólico lave os males verdadeiros purificando a Humanidade. Ninguém morre realmente, nenhum sangue de verdade é derramado. O dogma do sacrifício é cristalizado na denominação oficial: "O Santo Sacrifício da Missa". Poucos compreendem o profundo significado desse ato altamente mágico-teúrgico, refinadamente esotérico. Não o esoterismo superficial, periférico, que mesmo não sendo exoterismo é aberto a todos, mas o esoterismo voltado para a iniciação interior, secreta. Daí porque o Cânon indubitavelmente veio do Alto, não foi simplesmente compilado por um burocrata da religião ou do misticismo-hobby, coisa inacreditável, mas bem antiga.

Mas a figura do sacrifício como **meio-de** não pára aí, ela se estende, se amplia, assume variadíssimas formas: ora uma faca degola um animal, ou arranca o coração vivo de um homem; ora alguém ou um grupo se automutila ou se mata ritualisticamente; ou então são feitas oferendas, mais brandas, e privações são passadas, tudo para que os que estão no controle, lá em cima, sejam aplacados, e para que os que estão aqui em baixo sejam purificados, purgados. A carga de culpa, o sentimento de culpa, não é uma coisa absolutamente judaica ou cristã ocidental: é uma realidade humana, uma condição latente, uma coisa que é logo definida como cármica: "houve um pecado inicial e é preciso fazer uma compensação". Toda essa concepção primária advém da falta de compreensão e é justamente por isso que a Iniciação é necessária. Somente a Iniciação pode abrir as portas da percepção. Quando isso acontece, percebe-se, então, o real sentido do sacrifício, em que ele verdadeiramente consiste e porque existe na mente humana.

Do pato de Akhenaton ao World Trade Center, passando pelos kamikazes montados em suas bombas voadoras e pelos sacrifícios humanos dos incas, traçamos uma longa reta, em uma direção, a qual é subitamente cortada por outra: a morte ritualística do Cristo. No centro dessa cruz, a Rosa de Hiroshima, tragicamente declamada por Ney Matogrosso, que interpreta a dor do mundo no altar iniciático do Plano Terra.

Nessa estranha e assustadora Rosa+Cruz projetada da vida material para o espaço imaterial da dimensão nihilista passa-se pela concepção apocalíptica do mundo e pela interpretação alquímica para a evolução dos seres. Chega-se ao postulado Rosacruz da transformação da consciência pela digestão mística de infortúnios, alegrias e revelações: eis que as rosas florescem na cruz de cada um, segundo a capacidade de cada qual de compreender o significado iniciático dos sacrifícios do dia-a-dia.

Então os esoteristas da modernidade, com suas organizações iniciáticas recentes ou escolas de estudo montadas sobre o estudo de livros sagrados ou tratados esotéricos que mesclam Egito, Tibet, Europa e tudo o mais procuram desesperadamente novas versões para o sacrifício ritualístico de Jesus e querem que a Cruz lhe seja retirada, para a plasmação de uma nova imagem, a do Deus Vivo, destituído da componente dolorosa.

Em que estariam pensando realmente os tripulantes do Enola Gay quando fizeram

desabrochar a anti-rosa atômica sobre a humanidade indefesa? Que crenças profundas nutriam os terroristas que arremeteram aviões sequestrados contra as Torres Gêmeas? Estariam ambos a serviço daquilo que eles acreditam ser Deus? Cristãos e muçulmanos condenam os sacrifícios de seres vivos (apenas os chamados animais são considerados; nem em passant os teóricos religiosos se dignam a considerar que vegetais ou minerais possam ter vida, e muito menos vida consciente, ou que possam sentir dor ou uma perda). Entretanto, cristãos se matam entre si na Irlanda e judeus e islâmicos travam uma guerra especialmente brutal.

Os mesmos brancos que olham com desprezo para o asogun que empunha o obé do sacrifício de sangue no recôndito do roncol do Candomblé reeditam hoje, na América, a religião Kemetica, por não mais suportar a exaltação da morte na cruz como forma de purgação dos males da condição humana. É interessante ver como os ocidentais brancos que jamais conseguiram se libertar do Crucificado sugam os valores esotéricos dos negros e dos asiáticos, na esperança de construir um mundo melhor ou de simplesmente demonstrarem para si próprios que já não necessitam do Cristianismo. Tentam fazer crer que Akhenaton não era negro, que Maat é uma deusa branca, e que a Ankh de Maat é uma cruz.

Essa evidência por si só demonstra claramente o medo, o pavor que a Humanidade sente diante do sofrimento. Quanto aos brancos, simplesmente não conseguem admitir que haja deuses negros. Leiam o que o professor Manu Ampim escreve sobre as fraudes no Egito. Todos querem a felicidade, aqui e agora, e cada um a interpreta e concebe a seu modo. Em nome desse estado excelso, tão desejado, os maiores absurdos são praticados todos os dias. Usinas de mentira funcionam a todo vapor sobre esse sofisma - a felicidade perene, aqui e agora - e milhões de laudas de palavrório inútil são produzidas, publicadas e repassadas, todos os dias, por todos os meios de comunicação: o lixo da Torre de Babel.

Onde, então, procurar um sentido realmente redentor, a justificativa plena para o dogma do sacrifício? Akhenaton tira a vida de um indefeso pato para agradar o Sol e depois é apresentado como o Mestre de uma Escola de Mistérios que gera fractais na modernidade. Os romanos declaram que Jesus, o Cordeiro de Deus, foi sacrificado para lavar com seu sangue os pecados do mundo, e depois vem a Igreja e queima vivas centenas de pessoas para livrar a humanidade do demônio. Satã, com o Corão Sagrado na mão, manda que a América seja destruída e mostra sua face na fumaça do atentado de 11 de setembro. O povo afegão é, então (mais uma vez), sacrificado no altar da guerra, para que a Ética se torne propícia.

O desejo de expiação, de mortificação, como se vê, está arraigado tão profundamente no homem que os judeus desenvolveram a Teoria da Queda, apresentando-a no Gênesis: Adão e Eva desobedecem a Deus (é bem verdade que por causa da Serpente - e assim não se assume a totalidade da culpa, lançando-a sobre outrem; e isso vai configurar um padrão de ação para a humanidade, que o aperfeiçoa continuamente, através dos séculos: alguém sempre tem de ser o culpado de tudo). Para Hitler, os culpados de tudo eram os judeus. E não hesitou em imolar milhões deles.

Para os Aliados, Hitler era o Demônio, mas era ariano. Então tinha de ser feito um sacrifício para desagrar o Walhala: a bomba nuclear sobre o Japão. Os amarelos foram torrados vivos em nome do Deus da Democracia, o Tio Sam evangélico, filho de Jeová com a Grande Prostituta do Apocalipse. Este é um quadro que Salvador Dalí deveria ter pintado, para que sua obra fosse realmente completa.

A concepção do sacrifício deriva, portanto, diretamente do desejo de expiação, mas somente Jesus pode ser aquele que aceita ser a peça viva do sangrento ofertório ritualístico. Porém só ele e mais ninguém, porque ele pagou por todos e ficou tudo quitado. Ele sabe que vai ser imolado, aceita, em dado momento treme, mas consegue passar pela iniciação e aí o homem vira Deus. Os demais fazem algum sacrifício, mas com a vida de outros seres. É bem verdade que, modernamente, alguns se auto-imolam, dos monges Budistas no Vietname aos fanáticos fundamentalistas islâmicos. Mas ninguém quer encarnar Jesus. Os místicos, em sua maioria, querem ser o Cristo, mas de forma alguma aceitam carregar a sua Cruz. Uns poucos, no recesso dos mosteiros Beneditinos, talvez façam isso plenamente. Os demais conversam fiado, falam pelas tripas de Judas (literalmente) e é só isso, apenas isso e mais nada.

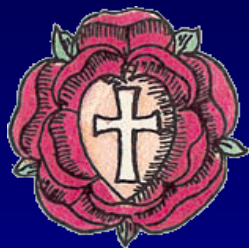
Seria válido, então, o sacrifício tal como se o compreende da antiguidade até hoje? Esta é uma questão que somente pode ser perfeita e totalmente compreendida na solidão absoluta da meditação, no interior do silêncio iniciático que precede a anunciação do Santo Espírito, passando pelo Sal e pelo Fogo, tudo isso dentro do Círculo Interno. Deve o místico, portanto, buscar essa compreensão, e isso pode ser feito através da Meditação da Rosa Eterna, prática que requer qualificação pela Iniciação apropriada. Um dos Mestres da Ordo Svmvm Bonvm, Aum-Rah, confere essa Iniciação, em certos anos, mas unicamente para Rosacruz. (1)

Conheci também de perto o Espiritismo, embora não o tenha praticado e considero importante nessa doutrina, também lighada à Cristandade, o fato de abrir perspectivas para a comunicação mental entre vivos e desencarnados, o que realmente pode acontecer, sob determinadas circunstancias e para atender a determinadas finalidades, para as quais a Mente Cósmica se encontra sempre receptiva. O fato é que no Ocidente toda a religiosidade é cristã e esta perpassa, conseqüentemente, todo o Misticismo ocidental, nisso incluídas as instituições esotéricas que se dizem não-religiosas. Como este não é um discurso para orientais, mas para ocidentais, acredito que deva ser proferido em bases reais, vinculadas, portanto, a realidades ocidentais. Uma realidade, por exemplo, é que grande parte, senão a maior, dos que ingressam em uma Ordem ou Fraternidade esotérica e iniciática são oriundos do Espiritismo. Quando se fala em Cristandade e apesar do crescimento contínuo do Protestantismo, inclusive na condição de novo e cada vez mais forte aliado do Imperialismo, não se pode deixar de considerar, principalmente no Brasil e em toda a América Latina, a impiortância religiosa, social e política da Igreja Católica Apostólica Romana, que, nesta parte do mundo, ainda consegue influir no poder temporal e até mesmo comandar dentro de governos, democráticos ou não. Façamos, então, um breve exame, com enfoque esotérico, voltado para o Rosacruianismo, das relações entre este e a Igreja.

Os Rosacruz e sua relação com a Igreja Católica Romana

O Movimento Rosacruz propriamente (e historicamente) dito surgiu na Alemanha, por volta

de 1313, sob os auspícios de um Mestre espiritual simbólico, Christian Rosen Kreuz (Rosenkreutz), o Pai CRC, como uma tentativa de reescrever a mensagem do Cristo Jesus, transpondo-a do jargão no qual era difundida pelo clero secular para o contexto do Cristo Cósmico, percebido pela R+C (e também pelo Círculo Interno da Igreja, que sempre manteve essa percepção trancada a sete chaves, no recesso dos mosteiros). Na época, a Igreja carregava uma imagem negativa plasmada pelos desmandos ocorridos na "Santa" Inquisição e pela corrupção no Vaticano, decorrente da união com o poder temporal no Mundo Cristão Ocidental, tudo obra do Diabo, que com isso pretendia solapar a Casa de Deus (como se tal coisa fosse possível!). Quando digo Diabo estou me referindo à egrégora maligna astral formada pelo conciliábulo das mentes de seres encarnados e desencarnados voltados para o exercício da perversidade, que se comprazem na prática da maldade intrínseca e no conúbio com as Forças das Trevas, inerentes ao Plano Dual. Por casa de Deus me refiro ao templo do Espírito Santo, que deve ser o corpo humano usado como veículo para o Logos Crístico, da exata maneira como Christian Rosenkreutz descreve isto, pela boca de Max Heindel, o Cristão Rosacruz (CRC). Esse quadro, vigente no círculo externo da Igreja, levou filósofos e outros intelectuais interessados no conhecimento metafísico a organizarem o Movimento Rosacruz, de forma secreta e restrita a uns poucos iniciados, como meio de se proteger de investidas do "Santo" Ofício, por trás do qual havia, inequivocamente, manipulação política, tudo por obra desse Satanás real, do qual o Satã referido na religião é uma mera alegoria saída do imaginário semita, totalmente baseado na Dualidade, com suas concepções tacanhas de bem e mal, pecado e virtude, salvação e danação eternas, Paraíso e Inferno e outros elementos de manipulação das massas pelo terror do post mortem dual, ante o qual os vivos devem optar enquanto podem... Creio que os fundadores desse Rosacruçianismo da Renascença eram protestantes na acepção literal da palavra e não é a toa que o símbolo escolhido por Martinho Lutero para o seu movimento separatista tenha sido uma rosa com uma cruz em seu interior. De alto conteúdo metafísico, esse símbolo Luterano encerra a parábola esotérica de que a cruz na (e da) realidade está inserida na rosa, como condição sua neste mundo, a qual deve ser transcendida pela Iniciação (no caso, um novo tipo de batismo, diferente do católico, apontando para novos rumos religiosos, para um Deus vivo e não para um Deus morto na cruz). Passar daí para a concepção mais avançada de que a rosa deve desabrochar sobre a cruz é apenas uma conseqüência, uma decorrência praticamente automática, uma evolução no pensamento metafísico que o místico esteja desenvolvendo, digamos. Também é muito significativo que a Ordem Rosacruz, AMORC, depois de fundada por um brilhante pregador protestante, o Dr. Harvey Spencer Lewis, tenha escolhido a Rosa de Lutero como base para o símbolo de seu jornal online "Rose+Croix Journal", editado pela Grande Loja da Jurisdição de Língua Inglesa para as Américas, sediada em San Jose, Califórnia. "Qual teria sido a ligação de Martinho Lutero (1483 - 1546) com o Rosacruçianismo? Teria ele sido influenciado de alguma maneira pelo pensamento Rosacruz ou teria ocorrido justamente o contrário? Estas são perguntas que vêm à mente de quem observa a extraordinária semelhança entre um dos símbolos R+C muito utilizado por várias Ordens e Fraternidades Rosacruçianas manifestadas na Renascença e na Modernidade." - pergunta o webmaster Kanefer Anpu, da Ordem de Maat, no artigo "Martinho Lutero e a Rosacruz", ilustrado com um quadro de minha autoria (o retrato de Lutero) e publicado pelo Latino Portal R+C, da Ordo Svmvm Bonvm, em <http://svmmvmbonvm.org/lutero.htm> Nesse trabalho há uma comparação fotográfica entre a Rosa Luterana absorvida pelo Rosacruçianismo e apresentada como símbolo deste, e as Rosacruz Luteranas originais, que reproduzo aqui (a absorvida pela R+C é a da esquerda de quem olha para a página):



Símbolo Rosacruz



Símbolo Luterano

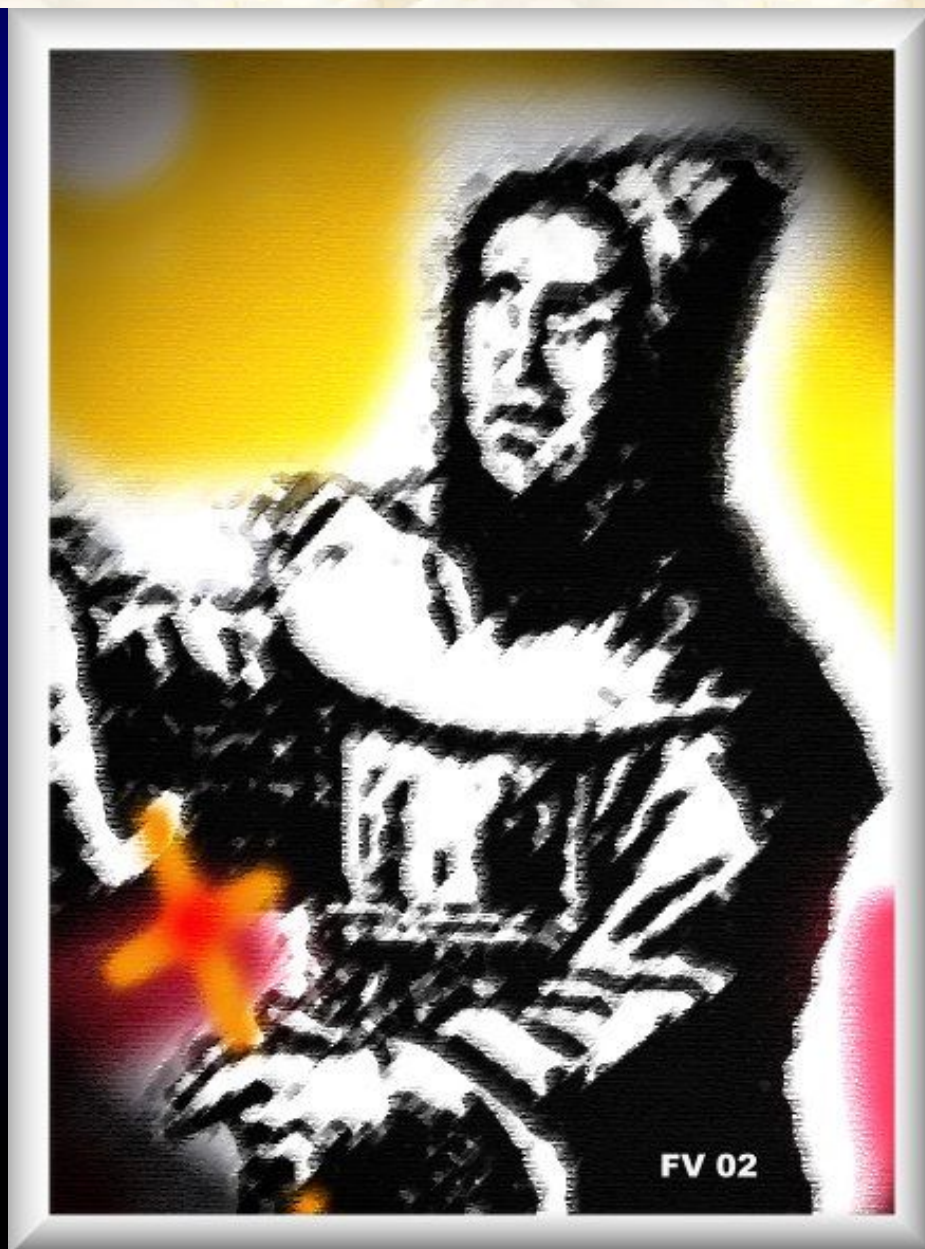


Símbolo Luterano



Símbolo Luterano

Posteriormente, já na Modernidade, o Movimento Rosacruz frutificou dentro da OTO (Ordo Templi Orientis), uma Ordem Iniciática que emanou várias vertentes do esoterismo e da suposta alta magia. Dois membros da OTO, o Dr. Harvey Spencer Lewis e o Dr. Arnold Krumm-Heller, organizaram Ordens Rosacruzes, por motivos humanitários e não com vistas ao mero abracadabra. O primeiro constituiu em 1915 a AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosacruz) e o segundo, em 1928, a FRA (Fraternitas Rosicruciana Antiqua), que tiveram marcante florescimento na década de 30. Em ambos os casos, o que se tentava fazer era um serviço de preparação do ser humano, através de estudos, experimentos e Iniciações, destinado a promover a evolução da personalidade, no sentido de uma melhor compreensão do real papel do homem no contexto da Criação, de um encontro com Deus e, em última análise, de uma verdadeira e sincera implementação do Mandatum Novum (Amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos). Mas a maior ênfase cristã ao moderno Rosacruçianismo foi certamente a dada por Max Heindel, que em 1908 fundou a Fraternidade Rosacruz (The Rosicrucian Fellowship) na condição oculta e secreta de Christian Rosenkreutz reencarnado. Já a AMORC, também, sediada nos Estados Unidos, se expandiu pelo mundo todo, até tornar-se uma multinacional do misticismo, com estrutura empresarial e executivos, mas sem perder sua condição de Ordem esotérica e iniciática autêntica. Spencer Lewis previu seu fechamento após um ciclo de 108 anos de manifestação exterior. A FRA, com seu Supremo Santuário na Alemanha, foi prejudicada pela Grande Guerra e se fechou como sociedade secreta, não se expandindo. A Rosicrucian Fellowship conseguiu crescer sem montar estrutura empresarial, mas o próprio Max Heindel profetizou que ela não duraria indefinidamente. Heindel definia a deadline instituições desse tipo quando se tornam uma finalidade em si mesmas, como decorrência natural da estrutura que são obrigadas a montar para poderem se manter funcionando - o que cria nichos de poder e embates de interesses.



CLIQUE NA IMAGEM PARA VER O QUADRO NA GALERIA
"Retrato de D. Basílio Valentin" (Quadro do Frater Velado)

Em outras palavras: as principais Ordens Rosacruz (que são 13, embora aqui só se tenha mencionado três, que são as mais destacadas) procuram levar ao homem moderno, sem prejuízo de seus afazeres diários da luta pela sobrevivência, um conhecimento que antes estava restrito ao âmbito monástico, tanto na Ordem Budista - a mais antiga no esquema cenobítico (monges em comunidade, sob um Abade), que já tem 2.500 anos - como na Ordem Beneditina, que data de cerca de 1.500 anos. No Século XIV, o monge D. Basílio Valentin, OSB, já realizava trabalhos de alquimia e operava curas por meio de experimentos semelhantes aos que são utilizados nas Ordens Rosacruz. D. Basílio foi liberado, inclusive, do Ofício Divino pelo Abade, para que pudesse se dedicar à cura de enfermos por meios esotéricos, no que obteve sucesso. Esse Beneditino escreveu um livro intitulado "As Doze Chaves da Filosofia", no qual tratava, entre outras coisas, das influências astrológicas sobre os metais e os corpos físicos dos seres humanos, da transmutação e da decantação dos humores.

Na gravura do Século XIV que ilustra este tópico, D. Basílio Valentin realiza um de seus experimentos alquímicos para a obtenção de essências curativas

D. Basílio nunca sofreu qualquer tipo de perseguição ou pressão, porque sua atividade esotérica não era religiosa e, sim, científica, mas tudo ele fazia louvando a Deus e sem questionar dogmas da Igreja. Por suas ligações com a Ordem Budista, os monges católicos conheciam a teoria da reencarnação e não a negavam nem endossavam. Apenas repetiam o que a Igreja sempre disse: que a meta do homem deve ser a Vida Eterna e não o retorno a este vale de misérias que é a existência ilusória no mundo material. Ou seja: exatamente o que prega o Buda. Vale dizer que a meta Beneditina, esposada pelos monges de um cenóbio, é irem todos juntos para o Alto (a Vida Eterna) como uma só alma. Bento de Nursia não foi um mero legislador católico, mas um Mestre Cósmico que esteve na Terra em missão adequada para aqueles tempos, em que somente os exemplos de santidade poderiam se contrapor à sanha dos corações empedernidos, voltados para a opressão e para a guerra.

Já o Movimento Rosacruz era perseguido, porque seus adeptos questionavam dogmas da Igreja, como questionavam tudo, na busca da verdade oculta por trás de estórias, metáforas e alegorias. Os Rosacruzes, além do mais, não se atinham à Cristandade e muitos iam beber nas fontes que a antecediam, como o Budismo e as Escolas de Mistério do Egito, onde o faraó Amenófis IV (Akhenaton) figurava como expoente, por ter sido o primeiro, naquela antiga civilização, a proclamar a crença em um Deus único, na condição de 98 Nisut de Kemet, o que lhe valeu o anátema de herege, lançado pela casta sacerdotal do Panteão de Khem. O próprio Jesus, como se sabe, passou um período no Egito e há místicos que asseguram ter sido Ele iniciado entre as patas da Esfinge. E como o Egito, por seus mistérios e pela grandiosidade das pirâmides fascinava os esoteristas, uma vertente considerável passou a investigar os ensinamentos secretos que pudessem ter sido ministrados ali. Isso deu origem a um sincretismo Cristão-Budista-Kemetico e é justamente contra tal fato que a Igreja se posicionou, por fechar questão em torno do purismo e da manutenção dos cânones, já que nisto se alicerça a sua integridade e perenidade, segundo acreditam seus doutores. E também porque a Igreja estava ressentida das cisões que resultaram em numerosas seitas e disso tinha que se resguardar. A própria Ordem de São Bento, tendo crescido e se tornado rica e poderosa, decaiu por essa condição mas foi reciclada e purgada por reformas, como a Cisterciense.

Entretanto, paradoxalmente, foi através do Movimento Rosacruz que muitos católicos tiveram sua fé robustecida, porque se tivessem dependido da assistência do clero secular teriam saído da Igreja. Assim, os Rosacruzes prestaram e prestam não só um serviço a Deus - pelo encaminhamento do homem na senda da retidão - como ainda prestaram e prestam um serviço à Igreja, por robustecerem a fé no Cristo através da difusão de conhecimentos que até há pouco tempo estavam restritos aos mosteiros. Somente com a produção do novo Catecismo da Igreja Católica, que levou seis anos para ser elaborado, é que uma parte desses conhecimentos foi franqueada aos fiéis. Por exemplo: no novo Catecismo a Igreja define literalmente o Espírito Santo como "o mestre interior de cada um". É preciso lembrar que a fé cega e a crença em dogmas, em certos momentos da História, passa a existir como força de coesão social e manipulação política por um fenômeno de harmonização com a Mente Cósmica, pois tal ferramenta é, naquele momento, a adequada para promover algum tipo de evolução nas consciências individuais e no próprio inconsciente coletivo, que condensa a consciência das massas como algo unificado, tal como uma harmonização consensos divergentes.

Das três Ordens Rosacruz aqui mencionadas, a AMORC, como já se disse, foi a que mais se expandiu, difundindo-se por todo o mundo, dentro de um esquema que prevê sua extinção no plano físico a cada 108 anos, a fim de evitar a corrupção decorrente de prolongados períodos de poder temporal, com subseqüentes ressurgimentos, um trabalho que, obviamente, exige a reencarnação dos membros escolhidos para essa tarefa, se é que isso seja realmente possível. Os atuais dirigentes, como era de se esperar, questionam a necessidade desse fechamento, mas na prática ele ocorrerá, com o fechamento do Círculo Interno, o que já está em andamento, e a apresentação oficial da Ordem como sendo uma instituição cultural e não-secreta. A FRA optou por dar mais ênfase à liturgia e abriga a Igreja Gnóstica. Tudo isso levou a um confronto de posições com a Igreja Católica, que passou a ver com reservas os Rosacruz, principalmente os da FRA, não só pelo fato de abrigarem o gnosticismo, como também porque Krumm-Heller, que tinha o Nono Grau da OTO, tivera iniciação com Aleister Crowley, que se intitulava "A Besta 666", e constava estar em pacto com o Demônio, quando na verdade a simbologia 666 é ligada ao Logos Solar. Na verdade, a OTO, em seus graus, só ia até Malkuth, mas abrigava uma ordem interna, a A.A.(Arcanum Arcanorum), onde se pegava pesado, mexendo com magia sexual. Crowley, na realidade, era uma espécie de Salvador Dali do esoterismo iniciático e queria sacudir as estruturas com performances de magia, apelando para a mefistofelia. Já Spencer Lewis, que chegara ao Sétimo Grau da OTO e saíra, sem ter tido iniciação com Crowley, era uma figura mais simpática para a Igreja, até que escreveu um livro questionando a história de Jesus Cristo, tal qual a narra a Escritura. Mesmo assim, em 1983 o Papa endereçou uma bênção aos Rosacruz. Essa ação de Spencer Lewis parece ter gerado uma reação, tal como um karma. Spencer Lewis (Frater Profundis, Sar Alden), tem atualmente afirmações suas contestadas na Internet, com veemência e virulência, se bem que isso é obra dos Irmãos da Face Sombria, escravos da Grande Loja Negra, que peregrinam pela Terra como burocratas do esoterismo transformado em hobby e se comprazem na difamação e na calúnia, crimes que foram muito facilitados pelo advento da Internet, mídia praticamente fora de controle. Quem quiser conhecer mais a respeito desses sombrios personagens que vagam pelas listas de discussão de esoterismo tal qual bêbados inconvenientes incomodando quem toma chope "socialmente" em um botequim, poderá acessar meu ensaio intitulado "O Atrium da Grande Loja Negra". Será de tilidade para que se precavenham contra tais tipos e o endereço é: <http://svmmvmbonvm.org/atriumgln.htm>

Retomando o fio da meada cabe lembrar que depois que o filho de Spencer Lewis, Ralph Maxwell Lewis (Sar Validivar), que o sucedeu, escolheu como terceiro Imperator Gary Lee Stewart, ocorreram cisões na AMORC, tendo a principal parte, estruturalmente falando, sido entregue ao Grande Mestre da França, Christian Bernard (Sar Fenix). Este, como Imperator de uma nova AMORC, então sediada no Canadá, determinou a reformulação dos ensinamentos por correspondência (monografias), contratando uma equipe de cientistas para fazer parte do serviço, enquanto Gary Lee Stewart fundava a CR+C (Confraternidade Rosa-Cruz) e a OMCE (Ordem da Milícia Crucífera Evangélica) para preservar e difundir o fundamentalismo spenceriano. A desavença administrativa praticamente não afetou a parte realmente Rosacruz da AMORC e resultou na criação de uma nova Ordem, a CRC+C, que ficou sendo uma opção a mais no leque de instituições de ensino e Iniciação R+C manifestadas na Terra. Gary Stewart, porém, não conseguiu se purgar da mágoa profunda e a Monografia Introdutória da CRC+C, disponibilizada publicamente na Web, traz as marcas desse ressentimento. Vendo as coisas unicamente pelo lado bom, que é o que costumo fazer e preconizo, creio que isso mostra que Gary Stewart tem sentimentos, não sendo apenas um executivo R+C empedernido,

uma espécie de CEO esotérico, o que, pelo menos, me parece ser uma marca de autenticidade. Passando para a Fraternidade Rosacruz de Max Heindel, esta também não é persona grata à Igreja, por suas ligações com a astrologia, que todo Papa condena, e por suas teses reencarnacionistas, que o Canon rejeita in limine. Atualmente (2005CE) também enfrenta uma profunda crise administrativa, resultante do choque de interesses entre executivos que fazem do ensino R+C um emprego interessante. Contudo, tal como ocorreu no episódio da AMORC, o Rosacruçianismo propriamente dito da The Rosicrucian Fellowship não foi afetado, principalmente porque muitos de seus membros são realmente devotados e sempre estiveram preparados para enfrentar impasses desse tipo, que são comuns e cíclicos em todas as organizações humanas, tanto assim que nem mesmo as despojadas e altamente espiritualizadas congregações Budistas escapam disso. É um evento normal no mundo fenomênico, continuamente corrompido pela inexorável Lei da Entropia, sem a qual não haveria renovação possível. Ou em outras palavras: simplesmente não poderia haver evolução, já que as estruturas, por mais tradicionais que sejam, sempre se desgastam e acabam tendo de ser substituídas por algo mais moderno, inclusive em termos metafísicos.

Apanhado no embate dessas contradições uma pessoa católica apostólica romana e membro da AMORC só poderia mesmo ir para uma caverna, seguindo o exemplo de Santo Antão, caso realmente quisesse tornar-se monge sem abrir mão de sua condição de Rosacruz. Foi isso que eu fiz, em 1996, sobraçando a Regra de São Bento, o Rituale Romanum recebido na minha ordenação como Exorcista, o Missale Romanum, a Bíblia Sagrada, o Novo Catecismo, o Graduale Triplex, o Psalterium Monasticum e mais alguns livros de São Tomás de Aquino, Santo Agostinho e Soren Kierkegaard. Devo esclarecer que os livros litúrgicos eu os usei no cotidiano, como ferramenta de disciplina da mente, para controle do corpo e domínio das emoções mais impulsivas, e que a literatura kierkegaardiana foi mera companhia ocasional, representando mais a presença simbólica do autor na minha cela de eremita do que uma leitura propriamente dita. Aliás sempre considerei que se um místico assume a missão de escrever, para trabalhar no esclarecimento das consciências, fornecendo idéias novas e conceitos avançados, que possam servir de insumo para a promoção da alquimia das almas individuais (que existem!), sua primeira medida deverá ser abster-se de toda e qualquer leitura esotérica, para que não venha a se tornar um compilador inconsciente de idéias alheias. Acredito que o que pode ser passado com sinceridade é unicamente o fruto das experiências pessoais e das constatações próprias a que se tenha chagado e não algum tipo de apanhado geral sobre a experiência de terceiros.

Apesar de algumas pressões consegui entrar no Terceiro Milênio sendo simultaneamente membro do Círculo Interno da AMORC e monge católico apostólico romano, condição que me propiciou um considerável alargamento de visão, com a cristalização de concepções próprias pelas sucessivas e sistemáticas comprovações e constatações metafísicas, sempre verificadas, como um bom comunista fazendo sua autocrítica, para a verificação de não estar criando falsos teoremas em cima de sofismas. Considero que fui rigoroso nesse processo de autodepuração e posso dizer, com segurança e sinceridade: Deus Pai deve ser substituído no imaginário religioso e místico não-religioso pela figura do Santo Espírito, porque com isso o sistema teocrático-paternalista deixará de ser uma das alavancas da máquina bélica como indústria e como instrumento de poder e dominação da Grande Loja Negra. Reitero a convicção de que Deus é uma criação mental do homem, a sua obra prima metafísica, o supra-sumo da Simbologia inculcada no inconsciente coletivo da Humanidade, da qual deve ser extraído o substrato real, que é o Espírito Santo, totalmente abstrato, mesmo que representado

simbolicamente por uma pomba da paz. Na verdade, Deus seria o teorema sobre o qual a Igreja se assenta, para poder se tornar inteligível às massas e difundir as virtudes do paternalismo, justamente o alicerce no qual se apóia o poder temporal para melhor espoliar a plebe. Para os Altos Iniciados do Círculo Interno da Igreja estaria reservada a versão realmente esotérica da Força, o Santo Espírito. Foi precisamente em torno dessa versão que os primeiros Rosacruz da Europa se congregaram, no chamado Colégio do Espírito Santo. Posteriormente, Spencer Lewis viria a fazer a ligação desse Colégio com a Escola de Mistérios de Akhenaton, porque a linha de pensamento era a mesma, havia uma continuidade real. Ao fazer isso ele fechou um triângulo místico e iniciático com a Loja Tibetana da Grande Fraternidade Branca, fundada por Kar-Gya-Pa.

Conversão de vida, um estágio que vem após as Iniciações

James Joyce mostrou em "Ulysses" a impossibilidade de se explicar certas coisas de uma forma meramente coerente, porque a coerência, tal e qual a concebemos, é uma característica mental existente apenas no Plano Terreno, compreendendo esquematizações, tentativas de burocratização do inelutável e a manutenção de uma linha de continuidade que seja o mais possível reta. Franz Kafka, com a sua exposição sobre a baratização da condição humana mostrada em "A Metamorfose" e a impossibilidade de compreensão das sentenças, descrita em "O Processo", deixou bem claro que algumas coisas estarão para sempre veladas ao homem, pelo menos enquanto ele existir na condição de homem, tal como é agora, ou seja: um primata com autoconsciência do Nível 1, detentor de certa capacidade tecnológica e tendo alguma ousadia. Antes dos 15 anos de idade tive oportunidade de ler os livros acima citados e pude digeri-los sem que viessem a fazer minha cabeça, porque sempre tive idéias próprias e confio mais nelas do que nas de outras pessoas, embora considere estas como dignas de apreciação, porque todas as experiências pessoais são válidas, embora devam prevalecer as nossas, a despeito de seja lá o que for que nos ensinem. Toda grande obra de arte, inclusive literária, tem uma mensagem oculta. E é esta, muito sutil e privativa, que deve ser analisada pelo buscador. Talvez tenha sido por essa condição inata que me afinei mais com o Rosacruçianismo do que com a religião, porque não poderia penetrar no dogma.

Muitas foram as técnicas inventadas pelo homem para aguçar a compreensão - se é que se pode inventar alguma coisa dentro da Criação (na verdade Manifestação do Ser) - e uma delas, que sempre me chamou a atenção, foi a usada por Paul Cézanne (1839-1906) para marcar uma nova etapa na pintura. Ele conseguiu idealizar e implementar uma maneira de pintar tão subjetiva que permitia ao espectador de uma tela poder sentir o que o artista estava sentindo quando pintou aquele quadro. Spencer Lewis, quando escreveu suas monografias para instrução Rosacruz, usou de certa forma um processo parecido, porque os verdadeiros ensinamentos estão nas entrelinhas e não pode ser compreendidos através da leitura acadêmica, convencional, na qual os burocratas do esoterismo se deleitam, na ilusão de que acumular informações na memória seja crescer espiritualmente. E é assim que realmente evoluem através dos Graus apenas aquelas que leram o que estava nas entrelinhas da

monografias. Os que não fizeram isso simplesmente passaram de um Grau para outro, automaticamente, como um tenente sendo promovido a capitão por tempo de serviço. No estudo esotérico-iniciático a promoção verdadeira só ocorre por mérito próprio e isso simplesmente não pode existir sem uma absoluta sinceridade de propósitos. Muitos fariseus ingressam em organizações esotéricas não-religiosas na tentativa de fugir da dominação promovida pela religião e acabam se transformando não em Adeptos, conforme pensavam, mas em Irmãos da Face Sombria, precisamente porque não eram sinceros em seus propósitos e tudo o que queriam era obter algum tipo de status ou de poder, geralmente com a finalidade de manipular pessoas e formar um grupinho à sua volta, no qual possam se sentir reconhecidos. Isso é muito comum e é justamente por esse motivo que em 2005CE havia na Internet quase 300 organizações esotéricas disponíveis para afiliação ou para algum tipo de ensino sistemático.

Soeren Kierkegaard, com o seu "Espinho Cravado na Carne", também mostrava certas angústias da condição humana, de forma magistral, fazendo o leitor sentir o que ele estava sentindo quando escreveu. Foi unicamente por isto que levei seu mencionado livro para minha vida de eremita, já que na época não tinha condições financeiras de colocar um Cézanne na parede.

Como se vê, era uma fórmula, parece que vinda do Alto, por osmose, passada a quem tivesse realmente alguma Arte para ser produzida e mostrada à Humanidade como peça de sustentação para vós metafísicos que alçassem a consciência a patamares cada vez mais altos. Tudo isso prova que esses homens estavam muito além da chamada "Alta Iniciação" propiciada pelas autodenominadas escolas de mistério, porque haviam feito a maior das Iniciações, que é a Iniciação da compreensão da própria vida como fenômeno telúrico da geração do algo a partir do Nada e tinham conseguido transmitir isso ao comum dos mortais, em língua de gente. E era nesses momentos de criação que o homem se fazia Deus, mas apenas por uns instantes. Pois que outra coisa seria Deus senão o próprio Nada manifesto em alguma coisa, como em um passe de mágica, e tornado compreensível, ou pelo menos visível? Então, esta é que era a autêntica e verdadeira Alta Iniciação...

Era exatamente essa mágica divina que eu queria tentar compreender. Ora, pensava eu comigo mesmo, se Cézanne havia podido plasmar a subjetividade em uma coisa assim tão pessoal como a sua arte, eu também haveria de poder penetrar nessa técnica, se bem que com outro objetivo. Meu objetivo não era puramente em nível pessoal, mas sim em uma escala mais ampla, porque no fundo visava ao melhoramento do homem. Eu tinha e tenho minha fé, mas como nos diz sabiamente a Igreja, a fé sem obras é uma fé morta, inútil. E isso vale para todo o esoterismo, principalmente para o Rosacrucianismo. Em outras palavras, o conhecimento deve ser aplicado como sabedoria, para atuação no terreno da prática, a fim de se produzir uma vida melhor para todos os seres, no aqui e no agora, porque é desta maneira que se constrói o futuro.

Depois do Mandatum Novum nada mais havia a ser dito sobre a face da terra e tudo o que se ouvia não passava de variações em torno desse divisor de águas, segundo os doutores da Igreja. As próprias ordens iniciáticas, como percebi de repente, não passavam de uma coisa menor, pelo fato puro e simples de que a Iniciação em si é uma coisa menor, porém necessária: precede a conversão de vida, esta sim importante e na qual a autêntica Iniciação se consubstancia. Além de toda Iniciação havia algo, e esse algo estava explícito nos

ensinamentos secretos dos Padres do Deserto. Esses Pais estavam muito além de toda e qualquer Iniciação: eles eram os Iniciadores. O conhecimento deles propiciava a qualquer homem operar como Cézanne, e em escala mais ampla, tanto no plano telúrico como em nível cósmico. Na verdade, aquilo era o caminho para a verdadeira metamorfose, exatamente o contrário da metamorfose de Kafka. Era isso que eu queria, mas o preço a pagar era duro: a abstração total do ego. Esse, era o caminho para a Vida Eterna. (Todas as ordens externas eram e são essencialmente telúricas -Malkuth - enquanto as internas avançam um Plano, porém não mais de um, porque daí em diante ocorre a metamorfose e os planos são regidos por outros parâmetros).

A Vida Eterna, tal como se me afigurava, não incluía de forma alguma a individualidade. E era exatamente aí que a teoria da reencarnação caía, porque aparecia como uma concepção meramente humana. Em outras palavras: por que haveria Deus de se interessar pela manutenção da continuidade de uma experiência puramente individual, mesmo que múltipla? Ora, simplesmente porque sendo criação mental do homem tinha de funcionar como o homem funciona: com base no raciocínio lógico. Eu sabia que era justamente isso, essa injunção patética, que tinha de ser superada, na verdade removida da mente e da própria vida, para que se pudesse vive-la de forma coerente e decente e não de modo subserviente a uma Divindade, como em uma transação comercial; "serei bonzinho, segundo as regras do jogo, e assim entrarei no Reino dos Céus". Logo compreendi que a fórmula correta era "fabricarei o Reino dos Céus e nele entrarei por mérito próprio.

Foi precisamente nesse questionamento que pude compreender quão vã era toda a filosofia e como era primária toda Iniciação, fosse ela qual fosse. Fiquei pensando: Joyce mostrara, naquele irlandês de Dublin, a inutilidade da coerência. E, ao que me conste, Joyce não era um Iniciado. No entanto, mostrara aquilo. Como esse parâmetro era comum a Kafka, a Cézanne e a dezenas de outras pessoas, estava evidente que havia algo, além da Iniciação, que operava a metamorfose, que abria as portas da percepção e mudava o grau de consciência para uma outra escala, em que certas verdades apareciam nada mais nada menos tais como eram.

O problema, é que os artistas, os escritores, os poetas, faziam isso de maneira inconsciente. Eu queria estar consciente desse processo. Diante dessa proposição palavras como liberdade, coerência, amor, beleza e outros chavões ruíam com estrondo. Eram apenas e tão-somente concepções humanas. O que mais me deixa estupefato é que os Padres do Deserto estavam conscientes disso, eles conheciam o processo, sabiam exatamente o que é a Vida Eterna e compreendiam perfeitamente o mistério da divindade de Jesus. E havia penetrado nesse mistério simplesmente orando e meditando na solidão de cavernas, passando fome e trabalhando duro, tão duro até que dormissem por cair desacordados pelo cansaço. Imaginem só nos dias de hoje, com a Humanidade globalizada e sob a égide de uma mídia universal, a Internet: pretensos esoteristas acham que podem crescer espiritualmente trocando mensagens em uma lista de discussões...Este, aliás, é um dos grandes problemas da Internet: as pessoas falam de um assunto e acham que tudo foi resolvido, quando na verdade absolutamente nada foi resolvido, simplesmente porque essas pessoas tinham de viver o assunto, experienciá-lo na carne para poder parir conclusões pelos poros, suando sangue, e não se limitar a apenas falar (postar mensagens). É como em uma ação de ativismo político: programa-se uma passeata para reivindicar algo e os internautas se limitam a postar mensagens sobre isso, achando que cumpriram o seu papel; não - eles tinham de ter participado da passeata para que seu papel, sua participação, tivesse sido realmente cumprida.

Nos ensinamentos secretos dos Padres do Deserto muitas coisas ficavam absolutamente claras: a razão de existir o sofrimento neste mundo, o porque de as coisas, inclusive a vida humana, serem perecíveis; a necessidade de existir a evolução da consciência. Mas esses ensinamentos só estavam ao alcance de quem abdicasse da vontade própria, do desejo de realização e das satisfações da carne, através da conversão de vida, determinação que assustou Mara, segundo nos conta o Budismo, pois o que seria do seu reinado se os homens partissem para essa meta? Foi por isso que me tornei eremita. E se escrevi sobre o assunto, foi para que algumas das experiências que tive não ficassem restritas a mim mesmo, pois poderiam ter serventia para outrem. Quer dizer: antes de falar do assunto e o vivi intensamente, com todas as cores.

Lembro-me que em "O Eremita" escrevi: "Na cela que habito no Eremitério de São Miguel Arcanjo, que eu mesmo fundei - e que não chamo de minha cela porque sei que nem mesmo meu corpo me pertence - escrevo este texto sem outra pretensão a não ser a de servir ao Deus do meu coração. Com o que tenho aqui - uma cama de madeira sem colchão, uma mesinha, uma cadeira e uma pia - posso dizer com convicção que atingi a felicidade. Como nada possuo (apenas uso algumas coisas, temporariamente), nada me pode ser tirado, como também nada de material me pode ser dado que venha a acrescentar algo à minha felicidade. Tenho dois hábitos, porque a limpeza é fundamental (enquanto um está sendo lavado, uso o outro), um cinto, um par de sandálias, um rosário, um crucifixo, o Rituale Romanum, o Missale Romanum, o Psalterium Monasticum, o Liber Hymnarius, O Graduale Romanum, os livros "C" e "K" e as Sagradas Escrituras, papel e caneta. Acordo às 4h da manhã, tomo banho frio, rezo a Santa Missa mesmo sem ter sido ordenado padre (só não faço a transubstanciação, porque aí seria demais), depois como um pedaço de pão seco e tomo água. Das 6h da manhã às 12h trabalho cultivando a terra (às 12h interrompo o trabalho para rezar durante uma hora, em seguida almoço batatas, rabanetes, tomates, agrião, alface e arroz, durante 15 minutos, e retomo o trabalho, em outros afazeres, domésticos e artesanais). Às 18h tomo outro banho frio e rezo durante uma hora. Das 19h15 até às 22h estudo, medito e escrevo. Às 22h rezo durante uma hora e às 23h me recolho para dormir. Vivo do meu trabalho, em companhia de três cães, um papagaio, um jabuti e um passarinho". Agota tenho também a companhia de vários gatos. Não tenho qualquer tipo de doença e sou muito feliz nesta vida. Se tivesse de recomeçar passaria por isso tudo de novo. Agradeço ao Deus do meu coração diariamente por isso e minhas orações são em favor da Humanidade sofredora e em louvor ao Altíssimo, que está muito além da compreensão humana e é muito precariamente representado, de maneira alegórica, por essa criação mental que a religião chama de Deus. Mas a religião não deixa de ter sua serventia, porque tem métodos instituídos para disciplinar a mente, a fim de que ela se mantenha sã, em um corpo também sã, e assim deve ser o veículo de quem queira realmente se espiritualizar para poder estar em harmonia com as Leis Cósmicas. Assim, no decorrer de uma semana entoei os 150 salmos, e fiz isto durante oito anos seguidos. Confessava-me com qualquer padre e sempre que podia comungava no Mosteiro de São Bento. Já tive vida secular, fui casado durante 28 anos e exerci uma profissão durante 32, com grande sucesso. Fui rico e possuí todos os bens e objetos que desejei ter. Bebi, fumei, joguei, só nunca usei drogas. Deixei tudo isso de livre e espontânea vontade, para servir ao Deus do meu coração e combater as Forças das Trevas, na esperança de, purificado, poder ser mais eficiente em fazer algo pelo próximo. "Por Jesus Cristo, Nosso Senhor, que há de vir para julgar vivos e mortos, pelo fogo." - como declara a fórmula religiosa, que tem um sentido totalmente oculto aos profanos. Hoje, considero a bebida uma coisa realmente amaldiçoada, porque provoca estado

alterado de consciência, dando por momentos a ilusão de que tudo está bem e não há problemas, quando a coisa não é exatamente assim e a solução também não é por aí. Procuro mostrar isso, quando surge oportunidade, pois é preciso que as pessoas abram os olhos. Porém sou capaz de tomar uma ou duas taças de vinho se sentir frio e se quiser fazer isso, sem que essa ingestão me cause qualquer problema de culpa ou qualquer estado alterado de consciência.

E voltando ao tema central, o que eu acho admirável é que os maiores ensinamentos estejam contidos nas coisas mais simples, e que o Mandatum Novum englobe todos eles. Pena que falar sobre isso seja bem mais fácil do que colocar esse mandamento em prática contínua.

Quanto à concepção de Deus, Jacob Boheme, com a sua teoria do "Abismo", havia chegado perto da verdade. Seu erro, porém, foi conceber toda a criação como sendo um pensamento de Deus, porque nesse momento ele emprestou a Deus atributo humano. Deus não pensa, quem pensa são as suas criaturas e é por isso que O apresentam como criação mental. E é por esse motivo que com o pensamento não podemos compreender Deus. Um eremita não pensa. No fundo, o que ele faz é ficar a sós consigo mesmo, para poder não pensar, pois está provado que todo o raciocínio, toda a coerência, são obstáculos para a compreensão verdadeira. A ascese entra nesse processo apenas como coadjuvante, tal qual a oração constante. Na verdade, um eremita é uma barata de Kafka que conseguiu reverter a metamorfose e foi além do ponto em que ela havia se iniciado. Muitos perguntarão: como é possível isso? Ao que responderei de maneira prática: estudem o que nos foi legado pelos Padres do Deserto. O verdadeiro conhecimento, originador da sabedoria, está oculto no silêncio, nas profundezas da meditação, e deve ser extraído da vacuidade. O pensamento do eremita é absolutamente metafísico, não é racional nem lógico, portanto ele não pensa como um profano.

O acesso a um outro tipo de compreensão, mais oniabarcante

Suponhamos que uma pessoa sem sensibilidade artística, cujas portas da percepção estejam fechadas para tudo o que não seja o trivial, tente entender o significado de uma obra de arte, seja um quadro, uma escultura abstrata, um poema concreto ou música concreta. Essa pessoa, evidentemente, não só não entenderá aquilo que está vendo, como, certamente, rirá da obra, debochará e dirá que aquilo é lixo. Assim é o ser humano. Sua compreensão é limitada e ele, inconscientemente, ataca e tenta desmerecer, com palavras, tudo o que não consegue compreender.

Da mesma forma, uma pessoa que não tenha sensibilidade mística não conseguirá entender o significado da crucificação de Jesus e perguntará: "Como pode um homem pregado em uma cruz salvar a Humanidade? E salvá-la de que, afinal?" Essas pessoas, que representam a maior parte da Humanidade, são as mesmas que descambam para magia, na esperança de conseguirem, através da invocação de gnomos, pentagramas, espíritos desencarnados, da leitura de cartas de tarot e da interpretação de oscilações de um pêndulo, a satisfação das

vontades em que se resume suas vidas. São essas mesmas pessoas que traçam organogramas cósmicos complicados, que inventam supostos mestres espirituais - que não podem ser confundidos de forma alguma com as criações mentais de místicos sinceros, capazes de produzir Mestres Cósmicos - e falam em mentalizações disso ou daquilo, sempre sob um denominador comum: tentar obter o controle das situações e a exaltação dos favores desta vida. Para tais pessoas, o que importa é possuir vários bens, beber e comer à vontade, se comprazer no sexo e satisfazer todos os apelos da carne, e mais: ter o reconhecimento de algum tipo de platéia, que possa julgá-las detentoras de conhecimentos secretos, de poderes sobrenaturais, de dons espirituais exóticos.

Assim como aquele que não compreende uma obra de arte desdenha qualquer uma que lhe seja apresentada e é, naturalmente, incapaz de produzir uma, da mesma forma os pretensos místicos são mais cegos que a massa ignara, pois não conseguem entender o significado de símbolos vivos e reais, ao mesmo tempo em que pretendem entender de desenhos geométricos que nada representam, a não ser uma incursão infantil pela heráldica. Muitos desses burocratas do esoterismo, que fazem do misticismo um hobby, acabam mergulhando na danação e se tornam escravos da Grande Loja Negra, na qualidade de Irmãos da Face Sombria.

No final do Século XX tornou-se simplesmente enorme o número de pretensos místicos, que se congregam em clubes esotéricos, dos quais acabam saindo, para constituir o seu próprio, sempre na expectativa da gratificação pessoal. Desta maneira foram e vão sendo constituídas organizações que se apresentam como o repositório de ensinamentos secretos, sempre provindos da Índia, do Egito, do Tibete, da Atlântida, ou dos mestres Tais e Quais. Esses conhecimentos, que de tão secretos podem ser adquiridos em bancas de jornal, se resumem à execução de certas pantomimas, à decoreba de algumas bobagens e terminam sempre na mesma e imutável melopéia: amor, beleza, liberdade, conhecimento - tudo isso para uma vida melhor, regada a chope e com muita pizza ou churrasco, carros do ano, mulheres bonitas, rasgação de seda, fazeção de média e...nada. Depois desse grande vazio, um outro vazio ainda maior: a morte.

Essas criaturas que alardeiam ter conhecimentos especiais (muitas delas afirmam ser de grau tão elevado que o comum dos mortais não consegue enxergar esse grau) não conseguem, no entanto, algo que muitas vezes é obtido por uma lavadeira, por um faxineiro, por um lavrador ou por um tratador de cavalos: paz mental, felicidade, alegria e saúde - condições que tornam essas pessoas simples capazes de ajudar realmente o próximo, com palavras e atos. Estarei sendo duro com esses hipócritas? Não, apenas os descrevo tal e qual são, na esperança de que ao se verem descritos não só vistam a carapuça como passem a pensar em tirá-la o quanto antes, partindo para uma conversão de vida.

Se me detenho neste texto a analisar esses aspectos menores, é também porque isso se faz necessário, para que os embusteiros sejam desmascarados e não continuem a prejudicar o próximo com suas mentiras. Eles são como os cegos da Parábola: guiam-se uns aos outros sem nada enxergar. Com isso, fazem o serviço que o Diabo reserva para a miuçalha infernal e vão formando legiões de clones, cada um dos quais parte para os mesmos objetivos, e isso é muito ruim para a Humanidade. A essa salada de lixo mental dá-se o nome de esoterismo de consumo.

Assim, é preciso que as Organizações verdadeiramente voltadas para o bem da Humanidade e que militam nesse traiçoeiro terreno, o esoterismo, sejam corretamente identificadas. Essas instituições, a algumas das quais já me referi logo no início deste trabalho, podem ser reconhecidas por seus frutos: produzem pessoas que são tolerantes, humildes e prontas a servir ao próximo por amor ao Deus verdadeiro, que está nos seus corações, vestindo os nus, socorrendo os necessitados, prestando assistência aos doentes, aceitando os erros e falhas dos seus semelhantes, falando pouco, sendo avessas ao riso fútil, mas tendo sempre um sorriso de alegria, e desdenhando os prazeres da vida, preferindo trabalhar a tagarelar. As organizações religiosas ou ordens Iniciáticas que ofereçam tais frutos são boas; as que não os oferecem, não são. Qualquer congregação humana que se dedique ao ensino de algo só pode ser avaliada por seus frutos, que são os seus estudantes e formandos. É somente por tal crivo que uma Ordem ou uma Fraternidade esotérica pode ser aquilatada.

O papel mais importante que essas instituições desempenham no plano terreno é o de realizar uma transformação na personalidade de um indivíduo, permitindo que ele, de internamente ruim se torne internamente bom, a fim de que possa externar essa virtude em favor do próximo. No mundo de hoje, esse trabalho vem sendo feito em três esferas distintas: a iniciática, que se constitui, por assim dizer, nos primeiros degraus de uma escadaria, e que serve para abrir os olhos das pessoas para o que chamaremos resumidamente de os verdadeiros valores da vida; a de conversão de vida, onde aquele que já passou pelas Iniciações vai tentar colocar em prática constante e incessante tudo o que porventura tenha aprendido; e a da metamorfose, na qual a alma vivente iniciada e convertida vai se transformar em vibração eterna.

As ordens iniciáticas verdadeiras cuidam da primeira esfera e as ordens monásticas cuidam da segunda. Na terceira esfera já não há apoio e cada qual é o seu próprio guia. Como este é um processo que implica Iniciações, ascese e transformação completa, não poderia ser feito em uma só organização. E note-se que isso tudo se processa em meio ao burburinho de uma monstruosa Torre de Babel, repleta de saltimbancos, mistificadores, mesmerizadores, palhaços, contadores de mentiras e lunáticos.

Aquele que consegue passar para a segunda esfera, mesmo que não chegue à terceira, adquire um novo tipo de compreensão, que lhe permite enxergar e entender todas as coisas sob uma nova luz, com uma interpretação muito mais profunda -na realidade, sob os auspícios do Espírito Santo. Na terceira esfera, está-se dentro do Espírito Santo.

Como esse processo, essa trajetória da alma vivente ocorre, é algo que varia de indivíduo para indivíduo, mas uma coisa é certa: aquele que não aprendeu a obedecer não poderá mandar e ninguém poderá querer se nortear pelo conhecido refrão "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço".



No diagrama acima, da Ordo Summum Bonum, uma visualização simplificada do processo de evolução da consciência humana

Neste trecho do presente ensaio falarei, resumidamente, do processo de evolução da consciência humana no plano telúrico até o ponto em que ocorre a transcendência para outro plano, não telúrico. E que não se confunda consciência com inteligência, que é a faculdade de raciocinar com clareza, pensar criativamente, assimilar cultura e promover o desenvolvimento tecnológico (por isso digo que uma simples dona-de-casa sem muito estudo, um carpinteiro

como Jesus, um sapateiro como Jacob Boheme ou qualquer simples homem do povo, mesmo que iletrado, pode em termos de consciência ter grau muito mais elevado que um filósofo ou um alto iniciado nas escolas de mistério). Inicialmente, para que se possa compreender certas coisas que aqui serão ditas, é necessário perceber a natureza de Deus como uma abstração total. Digamos que Deus, na verdade, não exista, que seja o Nada Imanifesto e Absoluto. Deus passaria a existir através da Manifestação, que é a Criação, com as Emanações, conforme já expus no livro "Opus Dei".

A evolução telúrica está intimamente ligada à roda da reencarnação, e, conseqüentemente, à Iniciação, porque a própria vida é eminentemente iniciática. Eis porque foi dito, em texto anterior, que toda e qualquer Ordem Iniciática externa não vai além de Malkuth. Além do mais é preciso compreender integralmente o que se afigura um grande mistério esotérico para muitos: o fato de a Alma Universal ser ao mesmo tempo única e aparentemente indivisa e de, concomitantemente, existirem almas individuais, como unidades autônomas de consciência e dotadas de certo grau de poder sobre sua existência e sobre a existência das demais, a ponto de poderem ser feitas interferências do tipo de uma decisão, tomada por uma dessas almas, sobre muitas outras, definindo quais as que continuarão existindo encarnadas e quais as que serão - digamos assim - desativadas. É como numa guerra, por exemplo: um dirigente de uma nação poderosa se diz a serviço de Deus e manda jogar bombas sobre centenas de milhares de civis, matando-os, em um processo totalmente abstrato para ele e totalmente emocional para as vítimas e seus familiares desesperados.

Vejamos este mundo como uma grande massa de consciência coletiva com tendência à evolução, pois é exatamente através da evolução dessa massa que ocorre, de tempos em tempos, a metamorfose planetária. Isso se dá quando uma esfera celeste do universo visível, um planeta, perdendo sua força centrífuga, cai na estrela que o gerou, ocorrendo uma explosão naquela massa estelar; o planeta tanto pode morrer e reencarnar, como pode passar pela metamorfose e transcender Planos, indo para outro nível existencial; quando isso acontece, o lugar por ele deixado na escala evolutiva da espiral universal não fica vago: é imediatamente preenchido por outro planeta, vindo de plano inferior. No caso da Terra, para exemplificar melhor, é importante que as pessoas mudem para melhor, a fim de que não só elas mas o próprio planeta possa evoluir. Com isso, fica definitivamente rebatido o argumento que alguns poderiam apresentar, segundo o qual tentar melhorar a Terra, com sua miséria, seria o mesmo que tentar transformar a cadeia em um hotel de cinco estrelas, pois que aí a prisão correcional deixaria de ser prisão e o sentido das coisas ficaria desvirtuado. Devemos entender que o Mundo não é uma prisão, mas uma escola de exemplos. Tanto que se assim não fosse, não haveria escapatória, pelo menos em tese.

Neste Mundo terreno a quase totalidade da grande massa humana é constituída de profanos, isto é, de seres que não estão voltados para o mundo interior, muito embora o acessem momentaneamente, de maneira quase automatizada, em algum ritual religioso de que participer habitualmente, como uma missa aos domingos. Isso é tudo o que o lado negro do Governo Oculto do Mundo quer, porque tem, então, à sua disposição, uma massa de manobra amorfa e facilmente manipulável pela mídia. São seres humanos com cabeça, tronco, braços, pernas, olhos etc que pouco diferem dos macacos: não sabem porque estão vivendo e nem se preocupam em questionar de onde vieram, quem são na realidade, para onde estão indo, por que terão de morrer e qual a razão de existir o sofrimento e, ainda, qual a sua relação para com o universo em que existem e para com o Deus no qual acreditam. O profano limita-se a

viver, tal como uma fruta que nasce, cresce, amadurece e apodrece. Ele se compraz em pensar que é feliz e esse é seu único objetivo. A felicidade, para o profano, geralmente é representada por segurança, posse de bens, poder e capacidade de satisfação dos prazeres da carne ou, quando muito, em algum exercício intelectual meramente diletante. Duas forças paralelas atuam no plano telúrico para fazer evoluir os profanos: as religiões, instituídas por um avatar, que vem de tempos em tempos, e as ordens iniciáticas, promanadas pela Grande Fraternidade Branca. São duas formas distintas de atuação, pois enquanto as primeiras agem pela fé, as segundas operam pela demonstração. Tanto no esquema religioso como no iniciático há círculos externos e internos, nos quais o ser humano tanto pode permanecer cativo, andando em círculos através de várias vidas, como pode se libertar, passando a uma outra esfera. No círculo interno das Ordens Iniciáticas tanto é plasmada a egrégora como são idealizados os Mestres, criações mentais de Altos Iniciados, que passam a existir dentro da egrégora, antropomorficamente, sem nunca terem tido existência física real, como é o caso de vários personagens simbólicos, criados pelo homem. No círculo externo das Ordens Iniciáticas é que pode ocorrer o primeiro despertar da consciência, quando, então, pode se dar o contato com tais Mestres. Assim, vemos que o contato com os Mestres se dá tanto nos círculos externos como nos internos dessas organizações. As pessoas que estão dentro da Iniciação geralmente procuram externar trabalhos e os creditam à inspiração dos Mestres ou a algum tipo de entidade ou Divindade, apresentando-se como canais da sabedoria cósmica. Almejam e falam muito no que definem como "liberdade". De forma parecida o processo se desenrola no âmbito das religiões, com os Mestres sendo substituídos por homens-santos, só que estes tiveram existência concreta no plano físico. Aqui, o conceito de "liberdade com responsabilidade" é substituído pela aceitação da Vontade de Deus, expressa na pessoa do superior hierárquico. É o parâmetro "sagrado" substituindo o "lógico". Já para o profano, o parâmetro é "a carne, pela carne".

Essa primeira esfera, a iniciática, atua como uma peneira, em seu círculo externo, e como um funil em seu círculo interno. Esse funil pode dar passagem para a segunda esfera, a da ascese. Nessa segunda esfera, os conhecimentos iniciáticos são colocados em prática já não em um vetor telúrico mas, sim, com vistas a outro objetivo. Não existe a necessidade de Iniciações ou de instruções secretas por parte de Mestres visíveis ou invisíveis. Não há graus e palavras como "liberdade" pura e simplesmente deixam de fazer sentido, pois os parâmetros são outros. Nessa esfera ocorre o despojamento da vontade e a libertação do plano telúrico: o asceta, seja ele monge cenobita, eremita (os eremitas são agregados a ordens monásticas e periodicamente o Papa manda recolhê-los aos mosteiros, ou pelo menos mandava, antigamente) ou saddhu, torna-se capaz de poder viver sem comer e sem beber água, não necessita fazer sexo e nem é afetado por doenças. Pode operar curas instantâneas com um simples olhar, fala com animais e plantas, controla forças da natureza, levita, cria objetos materializando-os aparentemente do nada. No final da ascese, ele se torna proficiente em operar a metamorfose vibratória, ocasião em que tanto pode se desmaterializar sem deixar vestígios como pode ascender à terceira esfera, a do Nirvana (ou Vida Eterna) deixando o corpo para trás, para sempre.

A terceira esfera situa-se em um Plano de Compreensão fora do tempo e da forma, em que conceitos como individualidade, personalidade, vida e morte, estética e ética, e até pensamento não têm o menor significado. Não se trata de um Plano de Compreensão, mas sim de um outro estado de manifestação. Nesse estado de manifestação já não existe o fenômeno da projeção e o que ocorre é a reverberação. Também não existe o inter-relacionamento e,

sim, a aglutinação. Em lugar de pensamento o que existe é o dom, uma qualidade da alma que opera por harmonização e não por raciocínio. Como nessa esfera não existem nem tempo e nem espaço, ela está de uma só vez dentro e fora da Criação. Ou seja: ela é o centro em torno do qual a Spira Legis se movimenta. Na tentativa de tornar mais clara essa superficial exposição, eu diria que se a Criação fosse um relógio, e a vida as horas que o relógio marca, a terceira esfera seria a idéia desse relógio, antecedendo-o em manifestação concreta.

Resumindo: o plano profano é como uma linha, junto à base da Lei do Triângulo, que se fecha nas polaridades. A esfera iniciática é a senda, a peneira e o funil. A esfera da ascense é a escada invertida, na qual para subir se desce. E a terceira esfera - a única acima das polaridades - é a esfera da criação, que irradia parâmetros para a segunda e para a primeira. A palavra chave do plano profano é: Usufruir; a da primeira esfera é: Eu Sou; a da segunda esfera é: Eu Não Sou; e a da terceira esfera é: Somos.

Dentre os eremitas posteriores ao período da Tebaida, onde o monaquismo cenobítico vicejou de forma extraordinária, com muitos Pais tendo mais de mil monges sob sua tutela, a Igreja Católica Apostólica Romana, que já havia naquela era produzido o eremita Apa Antão, gerou o próprio Abade São Bento (Nursia, 480 - Montecassino, 547), que após um período de solidão perto da Gruta de Subiaco, passou para a vida cenobítica; São Bruno (Colônia, Alemanha, 1035 - La Torre, Catanzaro, Itália, 1101), que de Mestre em Teologia e Chanceler Eclesiástico em Reims passou a uma vida eremítica de austera penitência e oração na "Grande Chartreuse" de Grenoble, onde por suas mãos nasceu a Ordem Cartuxa; São Benedito, o Negro, que vendeu seus bens e fez-se eremita franciscano nas vizinhanças de Palermo, até que o Papa Pio VI obrigou todos os seguidores da Regra de São Francisco a se recolherem a convento da Ordem (no convento, São Benedito, mesmo sem ser sacerdote exerceu o cargo de Prior e executou muitos trabalhos humildes); e o próprio São Francisco de Paula (Itália, 1416 - França, 1507), que a exemplo de São Francisco de Assis procurou a solidão e se entregou a uma austeríssima vida de oração e penitência, fundando a Ordem dos Mínimos, para a qual prescreveu uma regra repleta de sabedoria evangélica. Todos esses homens - é muito importante que se diga - faziam aquilo que pregavam. Ou seja: não estavam naquele característico caso que descredencia tantos místicos (?): "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço" (o nome disso é farisaísmo).

Já na modernidade, a Ordem Rosacruz AMORC produziu um eremita que me antecedeu na Senda, o Frater Fernando, que era de elevadíssimo Grau e deixou o corpo físico através de um processo místico egípcio que aqui não pode ser explicado. O Frater Fernando, a quem conheci pessoalmente e muitas vezes visitei em seu eremitério, foi o responsável direto pelo meu ingresso na AMORC. Ele era católico apostólico romano, construiu uma igreja dedicada a São Lázaro, da qual foi zelador até deixar este mundo, e constituiu uma Irmandade daquele santo, que todos os anos, no dia 17 de dezembro, promove uma procissão. Citarei aqui uma frase sua: "O ritual místico mais perfeito que existe é o da Igreja Católica Apostólica Romana". Ele era um autêntico Cristão Rosacruz.

Os círculos, como meio de filtrar as Iniciações Maiores

A razão que me leva neste ensaio a falar tanto sobre Ordens Iniciáticas prende-se ao fato, deveras paradoxal, de que por meio da Iniciação esotérica tenha um cristão encontrado o caminho de volta à verdadeira Casa de Deus, que é a Igreja Católica Apostólica Romana vista pelo seu aspecto metafísico, porque queiram ou não queiram preserva em seu âmago os ensinamentos básicos do Cristianismo Primitivo. Esse retorno tornou-se necessário, como uma nova etapa a ser vencida, como um degrau a mais a ser galgado na Escada Mística, na qual para se subir se tem de descer, como preconiza São Bento. Era preciso re-digerir o Catolicismo para poder se libertar da idéia de um Deus Pai, inculcada de modo aparentemente indelével na mente, desde a infância. Só assim, compreendi, poderia alguém se assumir como esoterista concebendo o Deus conhecido como criação mental do homem e o Deus real como algo muito superior a isto. Tão superior, que produz o ateísmo místico como decorrência automática. Não é uma questão de raciocínio lógico mas, sim, um caso de compreensão metafísica. Tanto mais paradoxal e estranho isso se afigura se considerarmos que durante a Idade Média, de triste memória, houve acirrada perseguição por parte do clero aos esoteristas, rotulados de endemoninhados, em um assombroso ato de generalização. Mas note-se bem que eu me refiro aqui a clero e não a monges, porque é necessário e fundamental, para a compreensão desta matéria, que se saiba o exato significado das palavras. Um Dominicano, por exemplo, não é um monge: ele vive em conventos, mas tem vida social, interage com a comunidade, e seu lar é toda a Ordem dos Frades Pregadores, à qual pertencia São Tomás de Aquino, muito embora possa se tornar eremita, se assim o desejar e se o Superior considerar que está diante de uma vocação autêntica. Da mesma forma os Franciscanos. Os membros dessas ordens religiosas, que não são ordens monásticas, são chamados de freis. Um Dominicano, como um Franciscano, pode ser transferido de uma província religiosa para outra, mudando de convento, tal qual um padre secular é removido de uma diocese para outra. Já um Beneditino é um monge cenobita, que vive em isolamento e fez voto de estabilidade ao mosteiro no qual entrou. Os membros da Ordem Beneditina observam, também, o silêncio, pois NPS Bento em sua Santa Regra, ao discorrer sobre a humildade, estabelece que o nono grau consiste "em que o monge negue o falar à sua língua", pois "o homem que fala muito não se encaminhará bem sobre a terra", como mostra a Escritura. Tradicionalmente, o clero não tem sido o melhor amigo dos cristãos, justamente por não poder ficar apartado das mazelas do século, como ocorre com os monges. Tanto assim é que se nos reportarmos à vida de São Pacômio, o iniciador do monaquismo ocidental, constataremos que já naquela época, no Egito, os monges preferiam deixar a cargo do clero o ritual da Santa Missa, pois não gostavam de ter clérigos entre si, mesmo porque o simples fato de ser sacerdote poderia fazer com que um homem se sentisse melhor que os demais e se deixasse inchar pela soberba, dando ocasião a escândalos.

Os monges do Egito dedicavam oito horas do dia à oração, outras tantas ao trabalho duro e as restantes eram dedicadas a estudos esotéricos voltados para a ascese, sobrando umas poucas três horas por noite para o sono (e naqueles primórdios do monaquismo não havia canto gregoriano para energizar os ascetas). Hoje em dia os ascetas contam com a opção de se alimentar de mantras. Como se vê, não dispunham de tempo para o falar inútil, quanto mais para o palrar clerical. Tão avessos ao clero eram os Padres do Deserto e seus filhos espirituais, que quando um destes santos-homens foi instado a assumir o cargo de bispo decepou ambas

as orelhas, para que lhe fosse impossível usar a mitra, descartando-se assim, definitivamente daquela imposição. Esses monges é que detinham os conhecimentos secretos sobre o Eu interior e sua ligação com Deus, que foram preservados pela Ordem de São Bento e, posteriormente, repassados para as Ordens Iniciáticas esotéricas. É isso que constitui os Círculos Internos, que se caracterizam por serem imunes à corrupção, podendo funcionar como autênticos filtros para as Altas Iniciações, a fim de que estas não fiquem ao alcance de quem não tenha sido realmente testado. Toda Alta Iniciação tem um filtro preliminar, um portal de testes, onde os candidatos pensam que foram completamente iniciados, mas isso na realidade não aconteceu; assim, quando um traidor, um espião a serviço de alguém, tenta penetrar em uma Alta Iniciação, não escapa de se trair ao passar pelo filtro. Isso, inclusive, é feito até na Internet, usada para Iniciações virtuais, que precedem a Iniciação real. É por esta razão que Spencer Lewis escreveu "Porque Temos uma Ordem Secreta", publicação disponível na Biblioteca Digital OS+B, em: <http://svmmvmbonvm.org/livrariaos+b/>

Assim, nos Círculos Internos só ingressam os realmente preparados pela autêntica sinceridade de propósitos. No presente ciclo esses Círculos, como já foi dito, estão se fechando ou já se fecharam, para serem reabertos no próximo, já em plena vigência da Nova Era Mental, que teve seu ponto de partida em 1999 CE.

No alvorecer do esoterismo laico era muito íntima e estreita a ligação entre as ordens Iniciáticas, como a Rosacruz, e a Igreja de Pedro. Porém, com o passar do tempo a Igreja foi adotando posições temporais que nada tinham a ver com a postura dos Apóstolos, ligando-se ao poder estatal. Foi a partir desse momento histórico que as Ordens Iniciáticas começaram a se afastar da Igreja e a própria Igreja se pôs a perseguir ordens monásticas, pois o Vaticano se mostrava temeroso do poder dessas ordens, cujos dirigentes máximos ficavam paralelos ao Papa, como foi por muito tempo o Superior Geral dos Jesuítas, cognominado "O Papa Negro". Nessa época, como se comprova pela leitura da vida dos santos, Satanás mantinha um escritório no Vaticano, e ia lá todo dia a uma determinada hora, quando parava momentaneamente de atormentá-los, pelo que se vê quão terrível é a ação do Diabo, que conseguiu penetrar na própria pretensa Casa de Deus na Terra para perpetrar suas fraudes. Também não é segredo que servidores do Demônio se sentaram no Trono de São Pedro, praticando crimes nefandos, na tentativa, mal sucedida, de conspurcar a Igreja.

Seria de se perguntar como uma organização tão vasta como a Igreja, ao ser penetrada pelo Capeta em nada menos que o cerne de seu poder central não desmoronava. Eis porque: o verdadeiro cerne do poder espiritual da Igreja está nas ordens monásticas, nas quais o antigo inimigo, por mais que fizesse, não conseguiu jamais se impor, sem bem que vez por outra tenha feito tombar algum monge relaxado. São os monges, entregues à ascese e ao Ofício Divino instituído por São Bento que sustentam a egrégora da Igreja e mantém incólume a sua santidade e a sua unidade, a despeito de quantos prelados poderosos Satã tenha logrado possuir.

Entretanto, como a tendência inata do vulgo é julgar pelos erros e não pelos acertos, a Igreja, no mundo moderno, ficou marcada pelos erros da Idade Média e volta e meia os desmandos da "Santa" Inquisição são evocados para se tentar denegrir a imagem da Cúria Romana. Tem sido muito feita, no final do Século XX, a acusação de que a Igreja tem promovido o atraso econômico no Terceiro Mundo, para colocar as massas sob o jugo dos poderosos a que se teria aliado. Em que pese uma certa dose de verdade nessa acusação, deve-se ressaltar que a

Igreja há muito reviu essas posições e cerrou fileiras ao lado dos oprimidos, reivindicando justiça social. Isso muito desagradou aos imperialistas americanos, que trataram de inundar a América Latina com seitas apostáticas eletrônicas, financiando a atuação delas. Uma dessas seitas chegou ao cúmulo de tentar vilipendiar a imagem da Santíssima e Gloriosíssima Mãe de Deus do Catolicismo, a Virgem Maria, para solapar os verdadeiros sentimentos de amor cristão, mas, obviamente, sem nada conseguir a não ser a maldição e o opróbrio sobre si mesma, nas pessoas execráveis de seus dirigentes, que revelaram a mais abjeta e miserável servidão ao Diabo. A missão específica dessas seitas apostáticas é alienar a população dos países pobres, para que continue subjugada à exploração imperialista.

A atuação das seitas apostáticas eletrônicas se dá de duas maneiras distintas e bem definidas. Na primeira, prometem aos pobres fiéis as benesses do mundo material em troca do louvor a Deus, como se fosse um negócio: o fiel comparece ao culto, paga o dízimo, e Deus lhe dá um carro do ano, um televisor a cores, um computador, um emprego garantido na fábrica de um dos empresários que pertencem à congregação. Na segunda forma de alienação, fazem ver aos fiéis que devem suportar com estoicismo toda a sorte de injustiças sociais, deixando-se roubar e espoliar, que tal passividade será recompensada em uma futura vida celestial cheia de prazeres terrenos.

A Igreja Católica Apostólica Romana, que também teve seus erros em situações parecidas, luta hoje contra as fraudes diabólicas como as já descritas. Padres têm sido perseguidos, torturados e assassinados por defender os oprimidos no Terceiro Mundo, especialmente na América Latina. E se é verdade que a Igreja reviu suas posições em parte por estar perdendo adeptos, também é verdade que se recuperou e não se deixou destruir pelo Diabo porque seu cerne e sua seiva sempre foram bons, porque estavam sustentados pelo monaquismo, que forma seu círculo interno. Eis porque a Igreja é indestrutível e as portas do Inferno não prevalecem contra ela apesar da pedofilia e de outros escândalos em que muitos padres se meteram.

Santo Atanásio, Santo Agostinho e Santo Ambrósio (340-397, Arcebispo de Milão, introdutor na Igreja ocidental da forma antifônica - solista e congregação - no canto dos salmos e hinos), falavam de caridade e trabalho como "conselhos de perfeição" na autêntica vida monástica. O gesto espontâneo de dar, de uma só vez, toda a fortuna herdada, já não bastava em si mesmo: tornava-se preciso exercer a caridade de forma contínua e o trabalho era olhado como instrumento desse exercício, com o qual São Francisco revigorou o Cristianismo, segundo frisa em seus escritos Maquiavel, ele próprio um Franciscano da Ordem Terceira. Mas foi somente através de São Bento que essa prática se consolidou como princípio. Para os monges Beneditinos, seguindo o que está na Regra, que prescreve orar e trabalhar, é um dever tratar dos doentes, alimentar os pobres e vestir os nus.

Situação parecida com a da Igreja têm sido vivida pelas Ordens Iniciáticas, mas elas, bem ou mal, têm conseguido se salvar pela força de seus círculos internos. Atualmente, essas Ordens Iniciáticas estão cada vez mais distanciadas da Igreja, devido ao endurecimento de posições de parte a parte. Não se pode ocultar, também, o fato de que as Ordens Iniciáticas, devido a não serem voltadas para a conversão de vida, não possuem a necessária força para uma luta frente a frente com o Demônio. Muitas, para ocultar essa deficiência, passaram pura e simplesmente a negar a existência do Diabo, creditando-a às conveniências políticas da

Igreja. E a própria Igreja, curiosamente, deixou de dar ênfase ao combate ao antigo inimigo. Tanto assim que o Rituale Romanum foi retirado do prelo pelo Santo Padre (antigamente, ao ser ordenado, cada padre secular recebia um). Hoje em dia há padres que sequer conhecem o latim e muito menos o grego, fundamental para a leitura de obras como o "Parvum Asceticum", de São Basílio Magno.

Foi exatamente nesse contexto que eu assumi a condição de eremita, uma coisa antiga, dentro da modernidade. Eu sabia, interiormente, que tinha de "passar a conviver comigo mesmo". Um eremita dos tempos modernos, que procurava seguir a Regra de São Bento mas deveria se virar para se manter dentro da sociedade de consumo e tinha de se haver sozinho com o Deus do seu coração e o Diabo da minha compreensão, que me atacava cada vez mais furiosamente, chegando a penetrar no computador em que eu escrevia meus livros, como narrei em "O Eremita". O Demônio persegue um homem quando percebe que esse homem abriu os olhos da alma e tomou posição ao lado de São Miguel Arcanjo, já não se deixando iludir pelas ilusões do mundo material, regido por Satã, que se manifesta como o Deus Dinheiro. Aí, esse homem se torna um estorvo à obra diabólica e as hostes infernais tentam destruí-lo. É contra isto que todo místico tem de lutar. Aos que estiverem interessados em ler mais sobre a Iniciação, está online no Site dos Iluminados de Khem meu ensaio "A Iniciação Esotérica": <http://svmmvmbonvm.org/initiation.htm>

Estejamos sempre atentos, para que não se perca a Luz de vista!

Svmmvm Sanctissimvs Illvminatvs,

11 de Novembro de 2005 CE

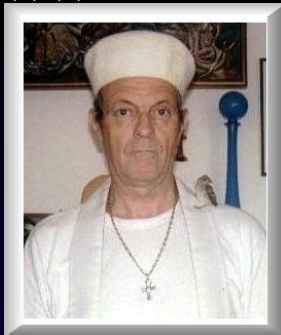
Per Novus Ordo Seclorum,



Frater Velado, Abade para o Terceiro Mundo
Sacrossanctae Ordo Svmmvm Bonvm
<http://svmmvmbonvm.org/>

NOTAS:

(*) (*) O Illuminatus Frater Vicente Velado, 64 anos de idade em 2005CE, é Abade da Ordo Svmvm Bonvm Para o Terceiro Mundo e Irmão Leigo da Ordem Rosacruz Verdadeira, Eterna e Invisível há 10 anos. Foi instruído pela Loja da Grande Fraternidade Branca para construir a Interface Web do Rosacruçianismo na Nova Era. Filósofo, pintor místico, músico e experimentador científico o Frater Velado, como é conhecido, foi eremita Beneditino durante oito anos. Seus estudos Rosacruzes foram feitos através do Sistema Antigo de Ensino da Ordem Rosacruz, AMORC. Um livro digital contendo sua biografia oficial, pela Ordo Svmvm Bonvm, está disponível online e para download na Biblioteca Digital OS+B, em:



<http://svmmvmbonvm.org/livrarios+b/> . Seu website oficial é o Prophet Jehosu: <http://svmmvmbonvm.org/jehosu/> A Galeria de Arte do Frater Velado pode ser visitada através de Digital-Matrix R+C: <http://digital-matrix.org/>

(1) Iniciação para Rosacruzes de Língua Portuguesa conferida em 04 de Fevereiro de 2002.

Help Now the Survivors!!
CLICK HERE TO DONATE

Giant tsunami strikes Asia, death toll tops 289,000 - Your support is needed!!

Ordo Svmvm Bonvm

[[TOP](#)] [[INDEX](#)] [[HOLY RULE](#)] [[HOME](#)] [[LATINO PORTAL](#)]

R+C

Rosicrucian Top Links

Rosacruz: clique e adicione o seu site